

Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Educação e interdisciplinaridade: teoria e prática

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Anaisa Alves de Moura
Márcia Cristiane Ferreira Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação e interdisciplinaridade: teoria e prática /
Organizadoras Anaisa Alves de Moura, Márcia Cristiane
Ferreira Mendes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-480-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.808210809>

1. Educação. 2. Interdisciplinaridade. I. Moura, Anaisa
Alves de (Organizadora). II. Mendes, Márcia Cristiane
Ferreira (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

PREFÁCIO

Esta é uma obra que, por certo, contribuirá no cotidiano educacional dos professores, e trará a consciência a realidade das diversas modalidades de ensino que permeiam o itinerário de formação de professor, e das fragilidades da experiência tradicional. Portanto, nesta obra você, leitor, vislumbrará estratégias didáticas, críticas, experiências e propositivas que indicam caminhos diversos no campo educacional. É uma obra ousada em saberes profissionais, saberes científicos e saberes pessoais.

É possível entender o ensino-aprendizagem de maneira interdisciplinar? É possível realizar projetos que envolvam a escola, a instituição como um todo? Que limites podem ser explorados a partir das experiências que você vislumbrará nesta obra? Estes são alguns dos questionamentos que os pesquisadores construtores desse material tentarão impactar, com reflexões do cotidiano de cada leitor, de forma simples, visualizando os diversos olhares sem perder os detalhes que os singularizam e espelham em suas vivências profissionais.

É necessário se afastar de modelos tradicionais que privilegiem exclusivamente o modelo disciplinar, como as abstrações teóricas que se afastam da realidade dos alunos, ou seja, é preciso uma proposta de caráter mais pragmático, mas não apenas isso. A teoria científica deve ser vinculada ao contexto de aplicação e vice-versa, promovendo a autonomia dos estudantes e a visão crítica que vem da reflexão sobre a prática.

Sabemos das dificuldades que as tarefas cotidianas impõem ao trabalho docente; entretanto, indicamos que o processo de mudança começa com um primeiro passo, com o convencimento para o fazer interdisciplinar, com o compartilhamento das atribuições e dos saberes. Alguns erros serão cometidos, mas o mais importante depois desse primeiro passo é a direção que a sua prática pedagógica poderá tomar; a formação mais crítica e humana que você poderá proporcionar a seus estudantes; a sua satisfação em corresponder aos anseios de sua profissão.






Como dizem Freire (1996) e Fals Borda (2008), é impossível ensinar ou aprender sem a coragem de ter sentimentos e de agir em função da transformação do mundo e dos homens. Sentir e agir são tão importantes quanto o pensar, e não trazem a este uma “acientificidade” ou uma “pieguice”, que alguns professores possuem bastante receio de ter. Para os autores, os sentimentos, as emoções, os desejos, os medos, as dúvidas, a paixão e outros são componentes essenciais para a aprendizagem, não apenas a razão crítica – “conhecemos com o corpo inteiro”.

Falamos um pouco do que você encontrará nesta obra **“EDUCAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: TEORIA E PRÁTICA”**, como ensinamento, aprendizagem, interdisciplinaridade, impactos e muitas reflexões, portanto, agora é o momento de você aprofundar mais o seu conhecimento vislumbrando os vários contextos educacionais que esta obra lhe proporcionará.

Uma excelente leitura a todos (as)!

Às organizadoras!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	13
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO ENTRE OS DOCENTES DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO	
Adriana Pinto Martins Evaneide Dourado Martins Márvilla Pinto Martins Francisca Neide Camelo Martins Lara Martins Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108092	
CAPÍTULO 2	26
RELAÇÃO ENTRE PERCENTUAIS DE REPROVAÇÕES E UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA	
Rômulo Carlos de Aguiar Ildiana de Azevedo Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108093	
CAPÍTULO 3	41
EDUCAÇÃO SEXUAL: ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL JACYRA PIMENTEL GOMES	
Pamela Lima Nogueira Ximenes Maria da Paz Arruda Aragão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108094	
CAPÍTULO 4	50
EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA PESSOAS COM AUTISMO: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE O BIOLÓGICO E O SOCIAL	
Marcelo Franco e Souza Roberto Kennedy Gomes Franco Maria Aparecida de Paulo Gomes Sílvia de Sousa Azevedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108095	
CAPÍTULO 5	63
SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE APOIO PSICOLÓGICO AO ESTUDANTE DO UNINTA (NAPSI)	
Jeciane Lima da Silva Marcelo Franco e Souza Denise da Silva Araújo Maria Edileuda Liberato Portella Germana Albuquerque Torres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108096	


CAPÍTULO 6..... 76

TRABALHO E PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS POLICIAIS MILITARES EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE REALIZADA NO MUNICÍPIO DE SOBRAL (CE)

Flávio Pimentel Cavalcante

Anderson Duarte Barboza

Heloísa Carneiro de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108097>

CAPÍTULO 7..... 88

TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA


Evaneide Dourado Martins

Bruna Dourado Martins

Adriana Pinto Martins

Sabrina Barros de Sousa

Cleyton Gomes Carneiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108098>

CAPÍTULO 8..... 102

A IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E O SOFRIMENTO MATERNO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PERINATAL

Germana Albuquerque Torres

Ana Ramyres Andrade de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108099>


CAPÍTULO 9..... 116

OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS E A INSTITUIÇÃO ESCOLA

Amanda Kelly Viana Cezário

Cellyneude de Souza Fernandes

Geórgia Bezerra Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080910>


CAPÍTULO 10..... 129

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A DISTÂNCIA

Juliana Magalhães Linhares

Luciane Azevedo Chaves

Michelle Ferreira Maia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080911>

CAPÍTULO 11..... 142

APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPES: IMPLICAÇÕES NA DISCIPLINA DE ENFERMAGEM EM CLÍNICA I POR MEIO DO ENSINO REMOTO SÍNCRONO

Keila Maria Carvalho Martins

Hermínia Maria Sousa da Ponte


Perpétua Alexandra Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080912>

CAPÍTULO 12..... 152

UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NA DISCIPLINA DE FISIOLOGIA HUMANA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE


Vanessa Mesquita Ramos
Adílio Moreira de Moraes
Berla Moreira de Moraes
Betânea Moreira de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080913>

CAPÍTULO 13..... 164

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE


Marina da Silva Belarmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080914>

CAPÍTULO 14..... 177

“MEU QUINTAL É MAIOR QUE O MUNDO”: QUESTÕES INVESTIGATIVAS E EVIDENCIADAS PELAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS E TEMPOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL


Fernanda Mendes Cabral
Ludmila Lessa Lorenzoni Vaccari
Maria Aparecida Rodrigues da Costa Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080915>

CAPÍTULO 15..... 192

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS


Márvilla Pinto Martins
Francisca Irvna Mesquita Cisne
Dayse Rodrigues Ponte Gomes
Carolina Costa Parente
Iara Sílvia Aguiar Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080916>

CAPÍTULO 16..... 202

O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19 NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DO ENSINO MÉDIO

Francinalda Machado Stascxak
Limária Araújo Mouta
Maria Aparecida Alves da Costa
Maria Julieta Fai Serpa e Sales
Roberta Kelly Santos Maia Pontes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080917>

CAPÍTULO 17.....213

PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA: DIÁLOGOS E AFETAÇÕES COM ADOLESCENTES ESCOLARES


Viviane Oliveira Mendes Cavalcante
Kássia Valéria de Sousa Duarte
Ana Hirley Rodrigues Magalhães
Francisco Freitas Gurgel Júnior
Ana Suelen Pedroza Cavalcante
Rejanio Aguiar Aragão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080918>

CAPÍTULO 18.....222

O DESAFIO DO ENSINO REMOTO E A SUA RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE

Tatiana de Medeiros Santos
Ascenilma Alencar Cardoso Marinho
Maria do Socorro Crispim Araújo Furtado Wanderley
Francineide Rodrigues Passos Rocha
Fabiana de Medeiros Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080919>

CAPÍTULO 19.....237

TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS À DOCÊNCIA


Wagner da Silva Santos
Giovanna Barroca de Moura
Ércules Laurentino Diniz
Carlos da Silva Cirino
Amanda Berto Ribeiro de Oliveira
Ilani Marques Souto Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080920>

CAPÍTULO 20.....252

A PEDAGOGIA DO CORPO COMO CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Michele Christiane Alves de Brito
Giovanna Barroca de Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080921>

CAPÍTULO 21.....266

ÉTICA APLICADA A GESTÃO ORGANIZACIONAL: ANÁLISE DOS FATORES CULTURAIS

Filipe Leão Ferro
Samylle Barbosa Veras Ferro
Luciana de Moura Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080922>

CAPÍTULO 22.....	279
PROJETO DE EXTENSÃO CONHECENDO O CORPO HUMANO: O USO DE <i>SOFTWARES</i> PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DE ANATOMIA HUMANA	
Karlla da Conceição Bezerra Brito Veras Raiara Bezerra da Silva Francisco José da Silva José Otacílio Silveira Neto Milena Araújo Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080923	
CAPÍTULO 23.....	293
GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA NA ESCOLA MUNICIPAL ALEXANDRINO MOUSINHO (GUADALUPE-PI): SABERES, ESCOLHAS E DESAFIOS	
Alessandra Silva Noleto Célia Camelo de Sousa Charmênia Freitas de Sátiro Edmilsa Santana Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080924	
CAPÍTULO 24.....	306
GESTÃO ESCOLAR E AS COMPETIÇÕES EXTERNAS: OLIMPÍADA INTERNACIONAL DE MATEMÁTICA (IMO)	
Joelma Alves Rodrigues Márcia Cristiane Ferreira Mendes Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva Anaísa Alves de Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080925	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	317

A IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E O SOFRIMENTO MATERNO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PERINATAL

Data de aceite: 02/08/2021

Germana Albuquerque Torres

Centro Universitário INTA – UNINTA, Sobral,
CEARÁ, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9126793017370432>

Ana Ramyres Andrade de Araújo

Centro Universitário INTA – UNINTA, Sobral,
CEARÁ, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6151810891453992>

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o intuito de realizar uma revisão integrativa acerca das contribuições da Psicologia Perinatal, no que se refere à idealização da maternidade e ao sofrimento materno.

De acordo com Zornig (2010), a pré-história da criança começa com a história individual de cada um dos pais. O desejo de ter um filho reatualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que tiveram. Como indica Stern (apud Zornig 2010), as representações parentais sobre o bebê têm início muito antes de ele vir ao mundo, por meio das brincadeiras de boneca e fantasias das adolescentes, em que as representações maternas podem anteceder. Assim, seria errôneo restringir a parentalidade à gestação e ao nascimento de um filho, já que as identificações

feitas na infância influenciam e determinam a forma como cada um poderá exercer a parentalidade.

Portanto, podemos pensar que existe uma idealização, por parte da mulher, de como ela se comportará como mãe, o que deve ou não fazer para que esse bebê, que também é idealizado, se desenvolva da melhor forma possível. E obviamente quando a mulher não consegue alcançar esse ideal, há a presença de uma carga de sofrimento.

Podemos pensar no trabalho da Psicologia Perinatal como um elemento importante ao realizar um acompanhamento dessa mulher no período pré e pós-natal de forma que ela consiga efetuar as elaborações necessárias, para que sejam minimizados os possíveis sofrimentos advindos de toda mudança que a gestação e o nascimento de uma criança trazem para ela.

Maldonado (2014) afirma que o ambiente em que a criança está inserida da gravidez até os primeiros anos de vida bem como, os relacionamentos que são construídos entre eles e seus cuidadores, produzem impactos importantes para o seu desenvolvimento. Desta feita, a carga de responsabilidade que os pais, e em especial a mãe, tendo em vista ser ela a responsável direta pela gestação, carregam no desenvolvimento desse ser têm impacto significativo na idealização do maternar, podendo produzir sofrimento psíquico.

O acompanhamento feito pelo Psicólogo Perinatal poderá contribuir de forma significativa, na medida em que, fazendo um acompanhamento da família, permitirá que cada um elabore seus sentimentos e desempenhe sua função na vida da criança de forma mais assertiva e singular, deixando para trás ideais de maternidade que ignoram os processos individuais e seus efeitos no gestar e no materno.

METODOLOGIA

Por meio de uma revisão integrativa da literatura, foi realizada uma pesquisa acerca da vivência da maternidade, com ênfase no sofrimento materno durante o período pré e pós-natal e o papel do psicólogo como facilitador das vivências nesse período, na tentativa de minimizar os processos de sofrimento psíquico.

De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008), a revisão integrativa divide-se em seis fases, sendo elas: 1ª Fase: elaboração da pergunta norteadora; 2ª Fase: busca ou amostragem na literatura; 3ª Fase: coleta de dados; 4ª Fase: análise crítica dos estudos incluídos; 5ª Fase: discussão dos resultados e 6ª Fase: apresentação da revisão integrativa.

Esse estudo apresenta como questão norteadora: Como ocorre a vivência da maternidade e como o psicólogo pode ajudar para minimizar os sofrimentos advindos das mudanças características desse período? A busca dos artigos científicos ocorreu no mês de abril de 2021.

Foi realizado um levantamento de produções científicas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) Enfermagem e Scielo a partir da consulta com o descritor indexado no catálogo de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Maternidade” e adotando como critérios de inclusão: Texto completo, idioma português e anos de publicação entre 2016 a 2020. Após isso foram aplicados os critérios de exclusão: Artigos repetidos, monografias e artigos que não atenderam aos objetivos da pesquisa apresentados na figura a seguir.

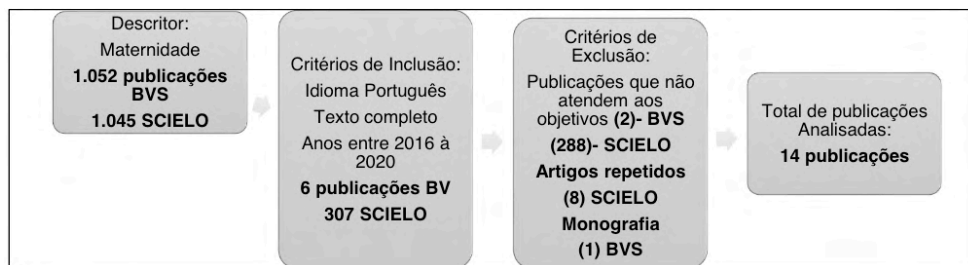


Figura 1 - Disposição da busca científica realizada para obtenção dos artigos a serem analisados.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Assim, tendo por base os critérios de inclusão e exclusão já citados, foram encontrados através do descritor: “Maternidade” 2.097 publicações, quando cruzadas com os critérios de inclusão foram encontradas 313 publicações. Após aplicar os critérios de exclusão 299 publicações foram eliminadas da pesquisa, porque não atendem aos objetivos da pesquisa, por fim foram selecionadas 14 publicações e em seguida foram lidas e analisadas.

A coleta de dados foi efetuada no período de abril de 2021 e foram analisados no período de maio de 2021. Cada publicação foi analisada baseada na questão norteadora do estudo, também foi realizada uma análise crítica dos dados encontrados, e um comparativo entre as publicações.

Para a análise dos artigos levantou-se informações nas produções científicas já existentes sobre o assunto em questão e todas foram analisadas criteriosamente com ênfase nos principais resultados encontrados com o intuito de responder à questão norteadora do presente estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Maldonado e Dickstein (2015) antes de engravidar de verdade, a pessoa imagina tendo um filho, como ele seria, como gostaria de tê-lo, se seria de imediato ou só mais tarde, o que espera de si própria como mãe e o que um filho representaria em sua vida. O “filho da cabeça” existe antes do “filho da barriga”. O relacionamento entre pais e filhos começa na própria infância dos adultos que hoje pensam em ter um filho de verdade. Os ensaios da maternidade começam muito cedo: quando criança a menina empina a barriga dizendo que tem neném dentro, quando brincam de papai e mamãe.

Sendo assim há uma idealização dessa maternidade muito antes de ela acontecer de fato, inclusive criando expectativas em cima de como será o filho e o que pretende para vida daquele ser.

Percebe-se dentro do contexto das Políticas Públicas uma preocupação com relação à saúde da mulher, principalmente no que se refere ao parto e puerpério.

Tomando por base Arrais e Araújo (2016), no Brasil, pode-se considerar como um momento importante para a saúde da mulher, a implementação, na década de 1980, do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), em que se destacavam ações voltadas para os períodos do pré-natal, parto e puerpério. Devido a alguns limites impostos por esse Programa, foi lançado em 2000 o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN) que tinha o intuito de oferecer um acompanhamento mais centrado nas necessidades das gestantes. Podemos ainda citar como conquista importante a Lei no. 11.108, de abril de 2005, que assegura à parturiente a presença de um acompanhante.

Segundo o Ministério da Saúde (1984) as diretrizes gerais do Programa se voltavam para a capacitação do sistema de saúde com o intuito de atender as necessidades da população feminina, estabelecendo também a exigência de uma nova postura da equipe de saúde em face do conceito de integralidade do atendimento. Pregavam uma prática educativa permeando todas as atividades a serem desenvolvidas, de forma que a clientela pudesse se apropriar dos conhecimentos necessários a cuidar de sua saúde.

Porém, de acordo com Maldonado (2014), a evolução tecnológica que permite a realização de uma assistência pré e perinatal cada vez mais sofisticada e a diminuição dos riscos maternos e fetais, ainda faz uma dissociação entre os aspectos somáticos e os emocionais e a rotina de atenção, tanto na gestação como no parto e puerpério, com frequência não satisfaz as necessidades emocionais da família e do bebê.

Ainda, de acordo com a mesma autora, o termo crise foi usado por Erikson para referir-se a várias etapas do desenvolvimento psicológico normal, como a gravidez. Nesse período podem ocorrer vários sintomas como: insônia, perda de peso e apetite, choro, depressão, apatia, agitação, taquicardia e angústia.

Para Wilhelm (2013), “a psicologia pré-natal é o estudo do comportamento e do desenvolvimento, tanto evolutivo como psico-afetivo-emocional do indivíduo, no período anterior ao seu nascimento.”.(p.18) Sabemos que todo estado de perturbação emocional da mãe, assim como de qualquer pessoa, é acompanhado por alterações bioquímicas. As células nervosas passam a secretar quantidades maiores de determinadas substâncias neuro-hormonais do que aquelas que são normalmente secretadas e afetam diretamente o bebê. Em estados de tristeza profunda a mulher deixa de estar afetivamente disponível para o filho. Essa disponibilidade é fundamental para que ocorra o desenvolvimento psicoafetivo do indivíduo.

Dessa forma, podemos concluir que existem e podem ocorrer no período da gestação, bem como no puerpério uma série de sintomas que indicam sofrimento psíquico, o que fortalece a necessidade de um profissional Psicólogo atuando de forma direta de forma a minimizar os prejuízos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da figura abaixo podemos observar as produções científicas que foram analisadas nesse estudo, descrevendo o título do artigo, ano de publicação, autores e principais resultados encontrados nos artigos analisados no presente trabalho. Dessa forma podemos ter uma visualização adequada dos principais resultados dos estudos.

Títulos dos artigos	Ano e Autores	Principais resultados/ conclusão
01 – Vínculo afetivo materno: processo fundamental para o desenvolvimento infantil uma revisão de literatura	2020, Silva e Leite	Os artigos estudaram sobre o vínculo materno e seus diversos fatores que interferem no desenvolvimento infantil. Dentre os mais importantes foram identificados que o tipo de parto, o ambiente familiar e a relação entre a mãe e o bebê são os fatores que mais influenciam na criação desse vínculo.
02 – Percepção de gestantes sobre o autocuidado e o cuidado materno	2016, Silveira et.al.	Os cuidados com a aparência do corpo foram priorizados em detrimento das ações de autocuidado voltadas para a saúde, que quando, ocorreu foi em virtude de em situação de complicação gestacional.
03 - O bebê imaginário: uma breve exploração do conceito	2016, Tavares	O conceito de bebê imaginário figura na literatura psicanalítica associado à questão do narcisismo materno e configura um aspecto de grande importância na compreensão do relacionamento estabelecido entre a mãe e o bebê, tanto ao longo da gestação quanto após o nascimento. O filho imaginário não é um processo que eclode no momento da confirmação da gravidez, e sim uma ideia que se constrói aos poucos, e que amadurece e se esvanece em períodos-chave para facilitar a identificação e a vinculação da mulher com seu bebê
04 - Maternidade tardia: da consciencialização do desejo à decisão de ser mãe	2020, Santos, Lopes e Botelho	A decisão de que era o momento certo para ter um filho foi, para algumas participantes, influenciada pela pressão social exercida principalmente pelos familiares mais próximos, que lhes fizeram sentir como se estivessem fugindo da norma, o que de certo modo as fez sentir estigmatizadas. A insegurança econômica está associada à intenção de permanecer sem filhos, à incerteza sobre a dimensão pretendida da família e a concretização das intenções de fertilidade. O prolongamento dos estudos acadêmicos e o intenso envolvimento numa carreira profissional são igualmente outras das razões apontadas
05- Sentidos da maternidade em narrativas de parto no Rio de Janeiro	2020, Rezende	Nas narrativas de parto analisadas neste artigo, a maternidade se constitui em uma experiência fortemente corporal, transformando a mulher em mãe e vinculando-a ao bebê/filho. Nas histórias examinadas, a gestação acrescida do parto vaginal e da amamentação torna-se experiência corporal que deve ser vivenciada para que se instaure a maternidade. Por meio dessas situações, experimentam-se os limites da dor e sua superação, tanto como forma de autoconhecimento como pelo bem de seus filhos. Ganham assim um valor moral na medida em que se apresentam como vivências necessárias tanto para a construção do vínculo com o filho como para o desempenho adequado do papel de mãe. Tensionam, portanto, a agência dessas mulheres nos seus projetos de maternidade.

<p>06- A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência.</p>	<p>2020, Queiroz et.al.</p>	<p>Podem-se observar diversos aspectos que o psicólogo enfrenta no ambiente hospitalar, como fatores relacionados às limitações do espaço físico, posto que, na maternidade do referido hospital, não havia um espaço específico para a realização de atendimentos psicológicos. Há também limitações referentes à atuação do psicólogo na equipe multidisciplinar, tendo em vista que o trabalho psicológico está em processo de conquista, delimitação e afirmação da importância e necessidade da sua atuação nesse espaço. Acredita-se que se trata da conquista de uma voz ativa para mediar as relações paciente/equipe multidisciplinar.</p>
<p>07- Avaliação da qualidade do pré-natal a partir das recomendações do Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento</p>	<p>2020, Mendes et. Al.</p>	<p>Quanto à organização da assistência pré-natal, observa-se predominância de utilização dos serviços públicos, sobretudo de unidades de atenção básica. Percebeu-se que a assistência pré-natal no estado de Sergipe é realizada na mesma frequência por ambas categorias profissionais, médica e de enfermagem. Este resultado corrobora com um estudo nacional que identificou atuação equivalente destes profissionais nas regiões Norte e Nordeste do país. Sergipe atingiu uma boa cobertura da assistência pré-natal, alcançando praticamente a totalidade das gestantes do estado. Os principais problemas identificados foram: início tardio do pré-natal; número insuficiente de consultas; poucas orientações, inclusive sobre a maternidade de referência para o parto; peregrinação no anteparto; falta de priorização das gestantes de maior risco e problemas na articulação com outros serviços de saúde materno- infantil.</p>

<p>08- Idealizações e Prescrições Psicanalíticas acerca da Maternidade em Chodorow: um Debate Atual</p>	<p>2020, Santos, Miranda e Belo</p>	<p>Como bem nos lembra Parker (1997), não existe uma experiência única de ser mãe, uma vez que as mulheres possuem histórias diferentes e vivenciam essa experiência a partir de contextos sociais, econômicos e étnicos distintos.</p> <p>As tarefas de cuidado podem e devem ser compartilhadas entre os integrantes do casal parental ou entre os membros do arranjo pulsional que deu origem àquelas relações libidinais (geralmente, uma família) uma vez que o contato com a criança desde o início capacita os adultos para as funções de cuidado e favorece a criação de vínculos afetivos com a criança, ao mesmo tempo em que fornece momentos de descanso e tempo para se dedicarem a outros interesses dissociados das demandas da criança.</p> <p>As noções de onipotência e de egoísmo infantil, por exemplo, caracterizadas pela dificuldade da criança em reconhecer a mãe enquanto separada de si e, portanto, como um sujeito que possui necessidades e interesses diferentes dos seus são frequentes em descrições psicanalíticas acerca dos primeiros tempos da relação mãe-bebê.</p> <p>No entanto, tal qual apontado por Chodorow (1978), o problema se instala quando as teorias sobre a maternação passam a reproduzir e a prescrever essas expectativas infantis acerca da conduta materna.</p>
<p>09- Análise das construções possíveis de maternidades nos estudos feministas e da deficiência</p>	<p>2020, Clímaco</p>	<p>Já para as mulheres com deficiências, a aproximação ao feminismo e ao seu questionamento da naturalização da maternidade pode ser uma ferramenta útil para que desconstruam, a partir de suas próprias narrativas, a maternidade como destino biológico. Assim, as maternidades possíveis e impossíveis podem ser mais um verbo e uma prática que um substantivo monolítico. Maternar, uma prática situada, em constante negociação com a norma, mas que pode resistir e desestabilizar a norma materna hetero-cis-corpo-normativa patriarcal.</p>

<p>10- O dispositivo da maternidade em Tudo sobre minha mãe: entextualizações e processos escalares.</p>	<p>2020, Gonzales e Moita Lopes</p>	<p>O filme “Tudo sobre minha mãe”, de Pedro Almodóvar, como apontam questões levantadas na análise, provoca significativas fissuras no dispositivo da maternidade, colaborando para desmantelá-lo. Tais fissuras são levadas a efeito quando o filme dissocia performances de maternidade de laços consanguíneos: não haveria como estabelecer uma convergência intrínseca entre o sujeito socialmente designado como mulher e performances de maternidade (SCAVONE, 2001). Mais do que uma questão fisiológica, gestativa, sanguínea ou sexual, “Tudo sobre minha mãe” insinua que as performances de maternidade se baseiam na capacidade de atuação das pessoas que as desempenham. O filme pode ser interpretado como um convite reflexivo sobre a relevância de pensar alternativas não apenas sobre o que se entende por maternidade, gênero e sexualidade, mas também sobre como podemos reinventar-nos, remodelar a vida social, aventando outras formas de se estar no mundo, projetando outras performatividades possíveis.</p>
<p>11- Desejo por filhos entre mulheres de alta escolaridade: conflitos, mudanças e permanências</p>	<p>2020, Simão, Coutinho e Guedes</p>	<p>Os resultados desse estudo sugerem que a decisão das mulheres entrevistadas acerca da maternidade não é isenta de dúvidas e se encontra dentro do que Velho (2003) denomina como campo de possibilidades. Ou seja, as decisões acerca da maternidade estão inseridas em um espaço e em um período de tempo em que acontece a interação entre os indivíduos, em que eles estabelecem suas redes de relações e precisam lidar com processos de negociação e escolhas, que nem sempre acontecem de maneira consciente. As falas sugerem que as entrevistadas valorizam o acesso à educação superior, mas também desejam outras coisas para suas vidas, inclusive a maternidade. Esta é vista como parte de um projeto que, embora traçado em conjunto com o companheiro, sofre pressões por parte de múltiplas instituições em que estão inseridas, incluindo familiares, amigos e círculos religiosos. O adiamento desse projeto parece ser a estratégia utilizada para que outros projetos, também considerados relevantes e mais difíceis de serem realizados, possam ser concretizados depois de se ter um filho.</p>

<p>12- Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres</p>	<p>2019, Machado, Penna e Caleiro</p>	<p>O imaginário social é permeado ainda pela maternidade enquanto condição do feminino. Os saberes médicos foram validados pelo senso comum, criando o mito do instinto materno. Desconstruir o ideal de mulher-mãe é algo complexo, pois demanda uma conscientização da sociedade e mudança nos valores partilhados. A maternidade possui diferentes significados, de acordo com o momento histórico e com a vivência de cada mulher. No relato das protagonistas desta investigação, ficou evidente que as mudanças sociais impulsionaram a conscientização das mulheres acerca de seu próprio corpo e que, ao apropriar-se dele, elas passaram a tomar decisões de acordo com seus desejos.</p> <p>As histórias de vida das colaboradoras demonstraram como elas estão distantes da 'condição feminina' estampada nos símbolos e nos mitos inspirados no ciclo biológico que evoca o eterno renascer, o poder de gerar e 'dar à luz' novas vidas. São símbolos que remetem aos estereótipos de um tempo sem medida, ou seja, adaptáveis a qualquer conjuntura histórica. Entretanto, o processo histórico das lutas femininas se contrapôs ao domínio dos mitos e abriu novas possibilidades conquistadas pelas mulheres contemporâneas.</p>
<p>13- Sob o peso da maternidade</p>	<p>2018, Vilarino</p>	<p>A expansão do acesso das mulheres ao mundo do trabalho não lhes aliviou as tarefas e as preocupações domésticas e maternas, pois a maternidade representa, social e psicologicamente, mais "peso" para as mulheres que a paternidade para os homens.</p> <p>A indagação sobre "quem ficará com as crianças" descortina outras tensões: a dificuldade, para as mulheres, de conciliação entre maternidade e atividades profissionais; a mulher que trabalha fora de casa precisará de creches que recebam seus filhos/as; a incerteza sobre o cuidado amoroso e profissional nesses espaços; o silenciamento acerca dessas preocupações por receio de perda de espaço conquistado; o silenciamento a respeito de pressões, violências, assédios; o não reconhecimento de que o trabalho doméstico é também fonte de riqueza para a família, para a sociedade e para o Estado; a desconsideração previdenciária para com esse tipo de atividade.</p> <p>Yvonne Knibiehler em seu livro "Quem cuidará das crianças?" ao mirar-se na experiência de suas avós e mãe, encontra semelhanças e dessemelhanças quanto às relações afetivas, sociais e culturais que permeiam a questão do "feminino" e da maternidade na geração de cada uma. A autora busca elos de identidade em suas próprias memórias, que entrelaçam fragmentos de tempos vividos por diferentes gerações de mulheres e homens.</p>

<p>14- Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero</p>	<p>2018, Giordanni et. Al.</p>	<p>A identidade social feminina envolve o desempenho de diferentes papéis relacionados às experiências específicas nas quais a mulher se engaja cotidianamente. O modelo de sociedade atual com suas instituições (família, escola, igreja) partilha situações forçadas para perpetuar as relações de poder nas práticas cotidianas. No caso da identidade feminina, com suas representações sobre o que é ser mãe ou ser mãe que amamenta, não compreende experiências homogêneas e uniformes, pois depende de mundos sociais e subjetividades específicas. Ser mãe e amamentar não são papéis sociais fixos que as mulheres se apropriam naturalmente e reproduzem harmoniosamente. São antes desafios e demandas construídas socialmente que envolvem ressignificação, conflitos e redefinição da sua identidade social.</p>
--	------------------------------------	---

Figura 2 - Caracterização das produções analisadas na pesquisa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com Maldonado (2014), as crianças nascem em diversos tipos de família: com pais casados, morando na mesma casa ou não, pessoas solteiras ou viúvas, que decidem ter um filho fora do contexto de uma relação estáveis, com os avós sendo chefes de família, com pais já vindos de um divórcio ou casais homoafetivos. O modelo tradicional de família onde a mulher era a cuidadora e homem o provedor, deixou de ser predominante e as mulheres também ocupam boa parte da força de trabalho no mundo. Sendo assim, homens e mulheres devem se ocupar das funções de prover e cuidar das crianças.

Pôde-se perceber na análise dos artigos que como trazido nos estudos de Silva e Leite (2020) e de Silveira et.al (2016), o ambiente familiar é preditor da uma boa formação de vínculos afetivos e que tendo em vista que a mulher não está mais voltada unicamente para as tarefas do lar e ocupa boa parte da força de trabalho, ela acaba cedendo às pressões externas e, muitas vezes, preocupa-se mais com a aparência de seu corpo do que com atitudes de autocuidado, que passam a aparecer apenas quando há um risco para o bom desenvolvimento do feto.

Os estudos de Santos, Miranda e Belo (2020), trazem que não existe uma experiência única de ser mãe, uma vez que as mulheres possuem histórias diferentes e vivenciam essa experiência a partir de contextos sociais, econômicos e étnicos distintos. As tarefas de cuidado podem e devem ser compartilhadas entre os integrantes do casal parental ou entre os membros da família uma vez que o contato com a criança desde o início capacita os adultos para as funções de cuidado e favorece a criação de vínculos afetivos com a criança, ao mesmo tempo em que fornece momentos de descanso e tempo para se dedicarem a outros interesses dissociados das demandas da criança.

Continuando nesse mesmo raciocínio de que não há uma experiência única nesse

maternar, pela análise do artigo de Giordanni et. Al.(2018), podemos dizer que no caso da identidade feminina, com suas representações sobre o que é ser mãe ou ser mãe que amamenta, não compreende experiências homogêneas e uniformes, pois depende de mundos sociais e subjetividades específicas. Ser mãe e amamentar não são papéis sociais fixos que as mulheres se apropriam naturalmente e reproduzem harmoniosamente. São antes desafios e demandas construídas socialmente que envolvem resignificação, conflitos e redefinição da sua identidade social.

O momento ideal de orientação sobre todos os aspectos da maternidade deveria acontecer no acompanhamento de pré-natal, bem como na assistência, inclusive emocional prestada dentro do ambiente hospitalar. No entanto, conforme visualizado nos estudos de Mendes et. Al.(2020), os principais problemas identificados foram: início tardio do pré-natal; número insuficiente de consultas; poucas orientações, inclusive sobre a maternidade de referência para o parto; peregrinação no anteparto; falta de priorização das gestantes de maior risco e problemas na articulação com outros serviços de saúde materno- infantil. E conforme apontam os estudos de Queiroz et. Al. (2020) há também limitações referentes à atuação do psicólogo na equipe multidisciplinar, tendo em vista que o trabalho psicológico está em processo de conquista, delimitação e afirmação da importância e necessidade da sua atuação nesse espaço. Acredita-se que se trata da conquista de uma voz ativa para mediar as relações paciente/equipe multidisciplinar.

Os estudos de Rezende (2020), apontam que a maternidade se constitui em uma experiência fortemente corporal, transformando a mulher em mãe e vinculando-a ao bebê/filho. As experiências de dor e superação, vividas no parto vaginal e na amamentação, ganham assim um valor moral na medida em que se apresentam como vivências necessárias tanto para a construção do vínculo com o filho como para o desempenho adequado do papel de mãe.

Segundo Maldonado e Dickstein (2015) haverá uma limitação da criatividade dos pais, cerceando a liberdade de sentir o que é melhor ou mais adequado a cada momento da relação, se não for possível admitir que o filho que está por vir, pode ser muito diferente do que gostaríamos que ele fosse e possivelmente deixaremos pouco lugar de respeito para individualidade desse ser.

Conforme trazido no estudo de Tavares (2016), o conceito de bebê imaginário figura na literatura psicanalítica associado à questão do narcisismo materno e configura um aspecto de grande importância na compreensão do relacionamento estabelecido entre a mãe e o bebê, tanto ao longo da gestação quanto após o nascimento. O filho imaginário não é um processo que eclode no momento da confirmação da gravidez, e sim uma ideia que se constrói aos poucos e que amadurece e se esvanece em períodos-chave para facilitar a identificação e a vinculação da mulher com seu bebê

Os estudos de Santos, Lopes e Botelho (2020) apontam que as mulheres acabam

optando por adiar a maternidade por diversas questões como: financeira, priorizar a carreira profissional, etc. No entanto, muitas vezes acabam optando por engravidar, devido às pressões sociais, que instituem existir o momento certo para ter um bebê e estigmatizam quem foge à esse padrão. De acordo com Simão, Coutinho e Guedes (2019), as falas das mulheres sugerem que as entrevistadas valorizam o acesso à educação superior, mas também desejam outras coisas para suas vidas, inclusive a maternidade. Esta é vista como parte de um projeto que, embora traçado em conjunto com o companheiro, sofre pressões por parte de múltiplas instituições em que estão inseridas, incluindo familiares, amigos e círculos religiosos. O adiamento desse projeto parece ser a estratégia utilizada para que outros projetos, também considerados relevantes e mais difíceis de serem realizados, possam ser concretizados depois de se ter um filho.

Conforme apontam os estudos de Vilarino (2018), a expansão do acesso das mulheres ao mundo do trabalho não lhes aliviou as tarefas e as preocupações domésticas e maternas, pois a maternidade representa, social e psicologicamente, mais “peso” para as mulheres que a paternidade para os homens.

Os estudos de Machado, Penna e Caleiro (2019), trazem que o imaginário social é permeado ainda pela maternidade enquanto condição do feminino. Os saberes médicos foram validados pelo senso comum, criando o mito do instinto materno. Desconstruir o ideal de mulher-mãe é algo complexo, pois demanda uma conscientização da sociedade e mudança nos valores partilhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção social sobre as formas “corretas” de maternar, leva a um engessamento das possibilidades de cuidado da mãe como o filho, chegando a produzir, muitas vezes, uma resistência maior nos primeiros cuidados da mãe por achar-se incapaz de cuidar bem do bebê/filho.

É curioso pensar que ao passo em que há a ideia de que haveria um instinto maternal em todas as mulheres, multiplicam-se os diversos espaços que pretendem ensinar como a mãe deve cuidar de seu filho, regulando, de certo modo, algo que sempre escapa, pois nem a mãe e nem o bebê/filho se deixam prender pela regulação de seu desejo; apontando sempre que algo do singular emerge e que as consequências de ignorá-lo podem ser muito mais dolorosas para a nova relação que desponta entre a mãe e o bebê.

Através da pesquisa realizada, foi possível reunir alguns materiais que apontam justamente para o campo da singularidade dos sujeitos (mãe e bebê) e que atua na contramão do que seria o instinto materno. Ao produzir e discutir sobre os possíveis modos de maternar, abre -se a possibilidade de escutar as vozes das angústias que perpassam a maternagem e, talvez, ao considerarmos a condição de incerteza e frustração que

podem despontar nos primeiros contatos entre mãe e filho, algo de inovador possa surgir ao apresentar para as mães a possibilidade de maternar do modo como conseguem no momento. Esta ideia faz oposição às pressões sociais que insistem em informá-las (ou seria enformá-las) sobre o que é ser mãe, permitindo que a mulher construa, a seu modo, suas experiências.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Alessandra da Rocha; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. **Pré-Natal Psicológico**: perspectivas para atuação do psicólogo em saúde materna no Brasil. Rev. SBPH vol.19 no. 1, Rio de Janeiro – Jan./Jul. – 2016

CLÍMACO, Júlia Campos. **Análise das construções possíveis de maternidades nos estudos feministas e da deficiência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(1): e54235 DOI: 10.1590/1806-9584- 2020 v28n154235

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; PICCOLI, Daniele; BEZERRA, Islândia; ALMEIDA, Claudia Choma Bettega. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8):2731-2739, 2018

GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo da MOITA LOPES. **O dispositivo da maternidade em Tudo sobre minha mãe**: entextualizações e processos escalares. Alfa, São Paulo, v.64, e11313, 2020 <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11313>

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIROS, Regina Célia Lima Caleiro. **Cinderela de sapatinho quebrado**: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. Rev. Saúde Debate. Rio de Janeiro, V. 43, N. 123, P. 1120-1131, OUT-DEZ 2019

MALDONADO, Maria Tereza; DICKSTEIN, Júlio. **Nós estamos grávidos**. 2ª ed. São Paulo: Integreare Editora, 2015.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os primeiros anos de vida**: pais e educadores no século XXI. 2ª ed. São Paulo: Integreare Editora, 2014.

BRASIL, (Ministério da Saúde), 1984. **Assistência Integral à Saúde da Mulher**: Bases de Ação Programática. Brasília: Centro de Documentação, Ministério da Saúde.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa**: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2008. 17(4): 758-64

MENDES, Rosemar Barbosa; SANTOS, José Marcos de Jesus; PRADO, Daniela Siqueira Prado; GURGEL, Rosana Queiroz; BEZERRA, Felipa Daiana; GURGEL, Ricardo Queiroz. **Avaliação da qualidade do pré-natal a partir das recomendações do Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(3):793-804, 2020

QUEIROZ, Lorryne Leandro Galdino de; AZEVEDO, Ana Paula Bilac; CHERER, Evandro de Quadros; CHATERLARD, Daniela Scheinkman. **A psicologia na maternidade hospitalar**: um relato de experiência. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 32, n. 1, p. 57-63, jan.-abr. 2020

REZENDE, Cláudia Barcellos. **Sentidos da maternidade em narrativas de parto no Rio de Janeiro**. Ver. sociol. antropol. I rio de janeiro, v.10.01: 201 – 220, jan. – abr., 2020

SANTOS, Maria Anabela Ferreira dos; LOPES, Maria dos Anjos Pereira; BOTELHO, Maria Antónia Rebelo. **Maternidade tardia: da consciencialização do desejo à decisão de ser mãe. ex æquo**, n.º 41, pp. 89-105. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020>.

SANTOS, Mariana Rúbia Gonçalves dos; MIRANDA, Jhonatan Jeison de; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Idealizações e Prescrições Psicanalíticas acerca da Maternidade em Chodorow: um Debate Atual**. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2020 v. 40, e189015, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189015>

SIMÃO, Andréa Branco; COUTINHO, Raquel Zanatta; GUEDES, Gilvan Ramalho. **Desejo por filhos entre mulheres de alta escolaridade: conflitos, mudanças e permanências**. *R. bras. Est. Pop.*, v.37, 1-23, e0123, 2020

SILVA, Tainá Aparecida; Gil da e LEITE, Maria Fernanda. **Vínculo afetivo materno: processo fundamental para o desenvolvimento infantil uma revisão de literatura**. *SALUSVITA, Bauru*, v. 39, n. 1, p. 277-295, 2020.

SILVEIRA, Rosimeire Aparecida Monteiro; MILANE, Ruth Grossi, VELHO, Ana Paula Machado; MARQUES, Andréa Grano. **Percepção de gestantes sobre o autocuidado e o cuidado materno**. *Rev. Rene* 2016 nov-dez; 17(6):758-65

TAVARES, Renata Cobertta. **O bebê imaginário: uma breve exploração do conceito**. *Revista Brasileira de Psicoterapia* 2016; 18(1):68-81

WILHEIM, Joana. **O que é Psicologia pré-natal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. (2010). **Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade**. Ver. *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro. V. 42.2. P. 453-470.



Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



conhecimento *interdisciplinaridade* *crítica*
experiencia *ensino*

professores *educação* *impacto*

reflexão *prática* *sentimentos*

agir *teoria* *emoções*

sentir *alunos* *transformação*

dificuldades *ver* *aprender*

compartilhar *realidade*

crescimento

mudar o mundo *aprendizagem*
contexto
educacional

Atena
Editora
Ano 2021